

**UMA
BIBLIOTECA
CONTRA O
INFERNO**

JOÃO OLIVEIRA DUARTE

UMA
BIBLIOTECA
CONTRA O
INFERNO

ensaio

Cosmos, a forma que Bento de Jesus Caraça encontrou para responder a um dos períodos mais negros da história do século XX.

Prefácio de
Pedro Cegonho





www.egoeditora.com
geral@egoeditora.com

Ficha Técnica:

Título - Uma Biblioteca contra o Inferno

Autor - João Oliveira Duarte

Capa e composição gráfica - EGO

Imagem da Capa e Contracapa - depositphotos©

Revisão de Texto - EGO

Paginação - EGO

Edição - EGO

1ª Edição - Junho 2017, Lisboa

ISBN - 978-1548326210

Depósito Legal - 430220/17

Impressão e Acabamento - Tipografia Lousanense

©2017, João Oliveira Duarte e EGO Editora

Por indicação expressa do autor, a grafia utilizada é a anterior ao Acordo Ortográfico de 1990.

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo sem prévia autorização por escrito da Ego Editora.

AGRADECIMENTOS

Este texto não teria sido possível sem a disponibilidade demonstrada pela Fundação Mário Soares, onde se encontra o Espólio de Bento de Jesus Caraça.

Também não teria sido possível sem a amizade, a confiança e o entusiasmo demonstrado por Pedro Cegonho.

À Maria do Mar Fazenda, à Marta Soares e à Maria João Cantinho, tenho a agradecer toda a paciência que foram demonstrando ao longo dos meses de escrita, os conselhos quanto à arquitectura do texto e as leituras que foram fazendo do trabalho em curso.

Ao João Pedro Cachopo e ao Rui Esteves, os almoços diários no ISCTE, que permitiam respirar um pouco da escrita e da pesquisa.

Ao Filipe Ricardo, pela amizade já antiga.

À Mariana, à Leonor e à Maria Clara.

ÍNDICE

Prefácio, por Pedro Cegonho	9
PARTE I - O Movimento do Mundo	11
1 - Introdução	13
2 - O Movimento do Mundo	19
3 - O Labirinto e a Biblioteca. Entre Borges e Foucault	37
4 - A Biblioteca, o Imaginário e o Lugar Impossível	55
5 - O Labirinto	64
6 - A Biblioteca como Problema	73
6.1 - O Desenho no Tapete	73
6.2 - Mal-Estar na Ciência	84
7 - Uma Biblioteca no Inferno	93
PARTE II - Guerra pela Cultura	105
8 - Indeterminação e Impotência	107
9 - A Biblioteca Cosmos e o Começo Grego	119
9.1- Figuras da Grécia	122
10 - Bento de Jesus Caraça: Uma Visão Histórica da Grécia Antiga ...	130
11 - Guerra pela Cultura – Guerra na Cultura: A Injunção à Democracia por vir	149
PARTE III - O Saber de Prometeu	183
12 - Introdução	185
13 - Prometeu e Antígona	191
14 - Conhecimento e Sofrimento	206
15 - Prometeu Político	217
16 - Stasis	223
17 - A Biblioteca Cosmos, Prometeu Agrilhado e Bento de Jesus Caraça	231

ANEXOS	243
1 - Biografia de Bento de Jesus Caraça	245
2 - Uma Biblioteca em Movimento	247
2.1 - Volumes a Publicar, de Acordo com o 1º Título	247
2.2 - Os 145 Volumes da Biblioteca Cosmos	250
3 - Obras Citadas	254

PREFÁCIO

por Pedro Cegonho

Sempre tive uma grande admiração por Bento de Jesus Caraça. Morreu cedo, com apenas 47 anos. Mas foi um homem da ciência e da cultura, um extraordinário professor que deu um grande impulso no estudo da matemática e um homem com uma presença activa e construtiva no seu tempo. E isto tudo em tão curto espaço de tempo! Gostaria de destacar, ainda, a imensa coragem que sempre demonstrou nas inúmeras batalhas que foi tendo contra o pensamento dominante da sua época. Nas palavras de Mário Soares, foi “uma figura cívica de primeira hora, que dominou uma época e que foi o mestre e a referência de uma geração”, “um cientista de um grande humanismo e cultura”.

Foi Mário Soares, aliás, que despertou a minha curiosidade para Bento de Jesus Caraça, num documentário de 1995 sobre o eminente cientista. Descreveu o funeral, que começou na Rua Almeida e Sousa, em Campo de Ourique, passou pela Ferreira Borges em direcção à Rua Saraiva de Carvalho e daí até ao Cemitério dos Prazeres. O maior funeral no tempo do Estado Novo, com um mar de gente realmente impressionante, como se pode ver nas poucas filmagens que existem!

Anos mais tarde fui a Vila Viçosa, visitar o Paço Ducal. Numa rua não muito longe, deparei com a pequena casa em que Bento de Jesus Caraça nasceu e viveu os primeiros anos da sua vida, uma casa muito pequena, de piso único, quase um casebre, a mostrar que as condições em que nasceu

foram más. Bem sei que nem todos podemos ser como Bento de Jesus Caraça! Mas uma das lições que aprendi ao ver a casa em que nasceu e ao saber das condições em que viveu nos primeiros anos foi a importância que o ensino tem nas nossas vidas. Independentemente das nossas origens serem humildes, a educação e o ensino, bens valiosos para todos nós, podem mudar o curso da nossa existência e o que parecia o destino.

Cumpriram-se em 2016 setenta e cinco anos da fundação da Biblioteca Cosmos, um dos grandes feitos que nos foi legado por Bento de Jesus Caraça e um marco importante na cultura portuguesa. Por isso, é com todo o gosto que prefacio este livro. Nele, li o esforço e a coragem de Bento de Jesus Caraça para combater a iliteracia e a ignorância, o reconhecimento da importância decisiva que o conhecimento tem para todos nós. Gostaria de colocar em destaque a reflexão de João Oliveira Duarte sobre a Biblioteca e como mostra o perigo que a cultura e o conhecimento enfrentavam na altura, na primeira parte, e a pertinência dessa reflexão para os nossos dias, o mais interessante, para mim, deste livro. Agradou-me também bastante a importância que deu à cultura clássica, indo nas pegadas do que Mário Soares referia relativamente ao grande humanismo de Bento de Jesus Caraça, particularmente a atenção que prestou à obra de Ésquilo e a articulação que fez entre o conhecimento e o sacrifício. Por último, penso que um livro que reflecte sobre a importância do saber, da ciência e da cultura é uma excelente forma de homenagear Bento de Jesus Caraça e a Biblioteca Cosmos.

Penso, por fim, que a grande lição que a vida e a obra de Bento de Jesus Caraça nos legaram reside na importância da educação, do ensino e do conhecimento para a nossa vida.

Pedro Cegonho

Presidente da Junta de Freguesia de
Campo de Ourique, Lisboa

PARTE I

O MOVIMENTO DO MUNDO

I. INTRODUÇÃO

No espólio de Bento de Jesus Caraça, encontramos uma pequena anotação onde podemos ler: “Abordado em 29-10-1940 por Manuel Figueiredo para aceitar um lugar de direcção (não especificado) numa colecção de divulgação cultural que projectam editar. Aceito, em princípio”. Tinha assim início o projecto da Biblioteca Cosmos, uma colecção que irá durar até à morte de Bento de Jesus Caraça – o último volume, de 1948, intitulado *O Submarino*, contém uma pequena nota no início em que se afirma que a colecção não sobreviverá ao seu director.

“Em fevereiro de 1941, quando esta editora pensou lançar uma colecção cultural, procurou-se o Prof. Caraça, que entusiasmado aceitou o convite – e elaborou o plano, procurou os colaboradores e seleccionou os originais. O plano traçado, que publicámos em Abril de 1941 num pequeno jornal de propaganda, é um modelo de sistematização e metodização do conhecimento humano. (...)”

Começada, pois, em Junho de 1941, esta colecção, depois de ter publicado 145 volumes cujas tiragens reunidas ultrapassam a casa de 1.000.000, acaba com este volume a jornada que junto empreendemos. Porque não queremos conti-

nuar com outrem uma obra que foi criação do Prof. Bento de Jesus Caraça.” (Oliveira, 1948, p. s/p)

Este projecto, que começa numa altura particularmente difícil da história europeia e portuguesa – o historiador italiano Enzo Traverso apelida o período de 1914 a 1945, com toda a gravidade possível e pensável, de “guerra civil” – é indelevelmente marcado pela figura de Bento de Jesus Caraça, professor e divulgador de Matemática, opositor ao Estado Novo e um dos nomes cimeiros da cultura portuguesa dos anos 20 e 30. Marcando, sem margem para dúvidas, toda uma geração – de amigos, de militantes comunistas, de opositores ao regime e, por fim, de estudantes – Bento de Jesus Caraça nunca perdeu de vista uma vocação prática do pensamento que pautou todo o seu percurso, essa “imersão” na vida em comum como forma de abertura de possíveis: da Universidade Popular ao MUD ou ao MUNAF, das sucessivas intervenções em jornais, chegando, inclusive, a fundar um (*O Globo*, com José Rodrigues Miguéis, censurado passado pouco tempo) passando pela sua actividade docente, foi sempre esta vocação prática que o moveu. Vivia-se então, na história intelectual europeia, a altura dos “intelectuais engajados”, dos homens do saber que não renunciavam à palavra pública, à intervenção cívica e política, que se encontravam imersos nas lutas e nas clivagens que, nos anos 20, 30 e 40 do século vinte, constituíam o espaço europeu. Stefan Zweig, um intelectual de relevo na cena europeia que, também ele, nunca renunciou à palavra pública, diria, antes de se suicidar no Brasil em 1942, que toda uma geração foi convocada para comparecer diante do tribunal da história.

Esta vocação prática é a marca de água que trabalha, a diversos níveis, a Biblioteca Cosmos. É certo que esta é e será sempre inseparável da dimensão pedagógica do pensamento de Bento de Jesus Caraça. No entanto, esta dimensão pedagógica só encontra o seu sentido e a sua direcção a partir do momento em que consideramos a vocação prática do pensamento, essa ideia de uma cultura que não se reduz nem à especialização nem a um saber erudito, poeirento, que apenas servisse para coroar o indivíduo. Em última análise, a cultura e os diversos níveis do saber são

sempre formas de entrar no mundo em comum, formas de criação desse comum e apenas nele encontram a sua razão.

O propósito deste texto não reside nem num estudo biográfico sobre a figura de Bento de Jesus Caraça nem, também, num estudo sobre a sua filosofia da cultura – ambos os temas foram tratados, com imenso rigor, por diversas pessoas ao longo desses últimos decénios. Se, como já afirmei, a Biblioteca Cosmos me parece inseparável da dimensão pedagógica de Bento de Jesus Caraça, parti do pressuposto, no entanto, de que a criação suplanta o criador, que entre a Biblioteca Cosmos e Bento de Jesus Caraça há, sem dúvida, relações estreitas, que há um certo isomorfismo, que detectamos a assinatura dele em diversos dos seus momentos, mas que, em última análise, não podemos reduzir a Cosmos ao pensamento de Bento de Jesus Caraça.

Tendo como horizonte esta vocação prática do pensamento, o texto encontra-se dividido em três grandes blocos, em que cada um deles interroga, talvez de forma não linear ou imediata, essa mesma vocação.

Num primeiro momento, o que se encontrou em causa foi a própria figura da Biblioteca. Como não pensar numa, de facto, quando olhamos os títulos publicados, a ordenação do saber presente na própria arquitectura da Cosmos, as secções e as subsecções que fazem parte dela? Por mais que seja evidente a assinatura de Bento de Jesus Caraça na preponderância que a ciência e a técnica têm na Cosmos – mas essa preponderância não responde, também, ao seu e ao nosso tempo? –, ela não deixa de se inserir num outro movimento, percorrido por tensões, que acompanha a evolução da própria ideia de biblioteca ao longo da modernidade. Parti de dois autores que me parecem interessantes para interrogar essa ideia de biblioteca, um da área do pensamento, Michel Foucault, e outro da área da literatura, Jorge Luis Borges, e de dois textos, um de cada um deles: *Les Mots et les Choses*, o livro de Michel Foucault sobre a arqueologia das ciências humanas, e um pequeno conto de Borges, inserido em *Ficções*, intitulado “Biblioteca de Babel”. O que se encontra em causa, em cada um deles? Um certo movimento. Em vez de olhar para a Biblioteca Cosmos como um produto já feito, com uma ordenação clássica do conhecimento e do saber, com as suas divisões e hierarquias, enfim, como

um objecto reificado em que seria possível discernir os pressupostos e as dívidas – uma certa ideia de ciência como encimando o edifício do saber – tentei demonstrar que, bem pelo contrário, ela é percorrida por um movimento incessante que vai desestabilizar qualquer tentativa de “reificação” do conhecimento.

Num segundo momento, optei por questionar a sobrevivência da cultura clássica dentro da Biblioteca Cosmos. De facto, não creio ser possível interrogar um projecto como a Cosmos sem referir a sua ancoragem dentro de uma tradição determinada – as diversas correntes humanistas que nasceram a partir do tronco comum do Renascimento. E, nestas, a posição da cultura clássica, o legado de Grécia e Roma, sempre manteve uma posição de proeminência face às restantes épocas – em particular, face à herança cristã da Idade Média. Talvez não seja por acaso que Bento de Jesus Caraça escreve sobre Galileu – e planeia um volume sobre ele para a Cosmos. Galileu insere-se ainda, de direito, num “clima” italiano, florentino, que Jacob Burckhardt, o historiador da cultura do século XIX e mestre de Nietzsche, descreveu nos seguintes termos:

“O actual século tem o hábito de proclamar bem alto a importância da cultura em geral e do estudo da Antiguidade em particular. Mas em nenhuma parte, como entre os florentinos do séc. XV e do início do séc. XVI, encontramos este ardor entusiasta, esta paixão da ciência, esta necessidade de instrução que domina toda a gente. Este facto é atestado por provas indirectas que não deixam lugar a dúvidas. Não teriam permitido com tanta frequência que as jovens cultivassem a ciência, se não a olhassem como o bem mais precioso desta vida. Não teriam feito da terra de exílio a mansão da felicidade, como Palla Strozzi. Não se teriam visto homens, que aliás não temiam usar e abusar dos prazeres, conservar tanta força e ardor para escrever uma crítica esclarecida da *História Universal* de Plínio, como a fez Filipe Strozzi.”¹

Esta paixão pela ciência de que fala Burckhardt e que Bento de Je-

sus Caraça tão bem conhecia, tem de ser entendida em termos bastante latos. Não se trata de uma racionalidade científica, de um positivismo como aquele que o século XIX conheceu, mas de uma paixão por aquilo que Bento irá reconhecer nos gregos: a inteligibilidade do real. Entendamo-nos, no entanto: esta inteligibilidade que está aqui em causa não é ainda, ou não é apenas, a de uma matematização do real, mas vai além, tem uma dobra tanto subjectiva como comunitária, é criação de sujeitos – à maneira das técnicas que Foucault, nos anos 80 do século XX, vai encontrar na Antiguidade – mas também criação de modos de vida em comum.

O terceiro momento corresponde à tentativa de traçar uma linha que atravessa os outros dois, e pretende dar uma leitura de um mito que começa por surgir, no Ocidente, com Hesíodo, mas que encontra em Ésquilo a sua forma mais pungente: Prometeu. Seria interessante, um dia, poder fazer a história das sobrevivências, à maneira de Warburg, deste mito que começou por ser algo de lateral a uma história – a de Zeus – mas que foi adquirindo, ao longo dos séculos, uma dignidade muito superior ao do seu fraco começo. Esta história já existe, pelo menos em parte, na obra de Raymond Trousson² e em pequenos artigos que versam sobre arte, mas falta uma unificação do conjunto de conclusões parciais e locais. Em todo o caso, nunca poderia ser esse o intuito deste texto.

O que interessa na articulação que se estabelece entre Prometeu e a Biblioteca Cosmos é a conjugação que, na peça de Ésquilo, se dá entre o conhecimento e o sofrimento. Sendo Prometeu julgado culpado por Zeus por ter concedido o saber aos homens, todas as técnicas, todo o saber, vêm marcados por esse sofrimento indizível e insuportável, tanto mais insuportável quando Prometeu, sendo um titã, não pode morrer; podemos afirmar, inclusive, que todo o conhecimento, e não apenas aquele elençado na peça, traz a marca de Prometeu gravada a fogo no seu frontispício.

1 - Jacob Burckhardt, *O Renascimento Italiano*, Lisboa, Editorial Presença, 1973, p. 170-171
2 - *Le Thème du Prométhée dans la Littérature Européenne*, Paris, Librairie Droz, 2001.

No entanto, não é apenas a esta ligação entre conhecimento e sofrimento que gostaria de aludir, dado que, na tragédia de Ésquilo, a rebelião é uma das componentes essenciais que vem, digamos assim, conferir sentido a uma posição que poderia cair num pessimismo trágico.

Não há saber sem sofrimento, mas o sofrimento advém-lhe de um embate, de uma luta, um embate que, na peça de Ésquilo, é político – embate contra Zeus, tirano recém-chegado ao poder. No caso concreto da Biblioteca Cosmos, o conhecimento não tinha neutralidade, não preenchia uma função de avanço ou de progresso, mas era desde logo convocado para uma luta política concreta – a luta contra o Estado Novo, a luta contra a ignorância que, para os sectores da oposição e para certas correntes dentro do regime, era um dos objectivos do Estado Novo; aquele que sabe, revolta-se, o próprio conhecimento é rebelião e movimento de emancipação contra o poder. E isto mesmo nas piores condições: Prometeu, agrilhado a uma rocha, sem se poder mexer, remetido a uma posição de pura passividade, continua, do fundo do seu sofrimento, a desafiar Zeus. É curioso ver, aliás, que esta figura pode ser lida de dois modos bastante diferentes: por um lado, pode adquirir uma tonalidade bastante sombria, como se cada embate com o poder, cada desafio que se lhe faça, estivesse condenado a soçobrar; no entanto, a contrapelo desta leitura, podemos ver nela a ideia de que, mesmo do fundo de um sofrimento indizível, é sempre possível um clamor de emancipação. Ou então: que esse sofrimento indizível é ele mesmo um clamor, uma acusação ao poder.

2.

O MOVIMENTO DO MUNDO

Cento e quarenta e cinco volumes espalhados por sete anos, de 1941 a 1948 – data da morte de Bento de Jesus Caraça –, a uma média de um volume de quatro em quatro meses e com uma tiragem de, aproximadamente, um milhão de exemplares³. Uma biblioteca, portanto, apesar de não ter a magnificência ou a grandeza de outras bibliotecas, apesar de não construir o espaço físico de uma⁴. Com sete secções, com temas que vão da biologia à geologia, passando pela alimentação, por uma peça de Ésquilo, pelo teatro Italiano, pelo cristianismo e pelo budismo, por uma biografia de Darwin ou pelo problema da energia nuclear, a Biblioteca Cosmos teve, também, os seus acidentes ao longo da sua história. Um desses acidentes, mas um acidente feliz, cheio de consequências e de derivações possíveis, abrindo espaços de interrogação

3 - Afirmado por Moreira Araújo: “Nada do que foi escrito ensombra, porém, o enorme sucesso editorial da Biblioteca Cosmos. O total das tiragens, no período 1941-48, atinge cerca de 800.000; se atendermos a que 31 volumes eram duplos, aquele número passará a 1.000.000!” (Caraça, 2001, p. 13)

4 - Num livro dedicado à famosa Biblioteca de Alexandria, Luciano Canfora refere que o termo biblioteca, no uso que era dado na antiguidade clássica, referia os livros – na altura, os rolos – e não tanto o lugar concreto onde eram colocados.